



OS DEUSES NO CAMPO: RELIGIÃO E COSMOLOGIA NO *DE RE RUSTICA* DE VARRÃO

THE GODS IN THE COUNTRYSIDE:
RELIGION AND COSMOLOGY IN VARRO'S *DE RE RUSTICA*

Lais de Laia Duarte¹

RESUMO

Varrão foi um dos mais brilhantes eruditos, tendo suas obras sido de grande contribuição para a literatura latina. Estima-se que o intelectual tenha escrito 72 títulos (aproximadamente 600 livros) que abarcavam os mais diferentes temas, mas infelizmente apenas o *De lingua latina* e o *De re rustica* chegaram bem conservados em nossas mãos. Nosso objetivo com este artigo é identificar os aspectos teológicos e cosmológicos presentes nos livros *De re rustica* (Das coisas do campo) de Varrão. Assim, a partir de passagens dos Livros I e II, buscamos explorar como o autor estabelece uma triangulação entre o divino, o funcionamento do cosmos e a vida agrícola na República Tardia romana.

Palavras-chaves: Religião; Varrão; República Tardia.

ABSTRACT

Varro was one of the most brilliant scholars, and his works made a great contribution to Latin literature. It is estimated that the intellectual wrote 72 titles (approximately 600 books) that covered the most different themes, but unfortunately only *De lingua latina* and *De re rustica* have been kept in good condition so far. Our goal with this article is to identify the theological and cosmological aspects present in Varro's books *De re rustica* (Country Matters). Thus, based on passages from Books I and II, we seek to explore how the author establishes a triangulation between the divine, the functioning of the cosmos and agricultural life in the Late Roman Republic.

Keywords: Religion; Varro; Late Republic.

INTRODUÇÃO

É na República Tardia, que eruditos como Cícero e Varrão produziram complexas obras que abarcam diferentes áreas de conhecimento, como filosofia, física, economia,

¹ Graduanda em história pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista de Iniciação Científica e comissária auxiliar na Liga Acadêmica dos Estudantes de Graduação em História Antiga (LAEGHA). Email: lais.duarte@edu.unirio.br

*Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica com incentivo financeiro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ainda em estágio inicial, mas que já apresenta interessantes reflexões acerca de um dos principais momentos da história da intelectualidade romana.



teologia, cosmologia, retórica e muitos outros saberes. Nosso objetivo com esse estudo é identificar os aspectos teológicos e cosmológicos presentes nos livros *De re rustica* (Das coisas do campo) de Varrão. Nos interessa aqui explorar como o autor estabelece a relação do divino com o funcionamento do cosmos e a vida agrícola na República Tardia romana. Para tal, esta pesquisa combina análise de conteúdo e análise documental, pois entende-se que a partir da análise documental é possível mapear e condensar as informações contidas na fonte primária, examinar e compreender o teor do documento. Quando somada a análise de conteúdo é possível compreender a expressão da mensagem, ou seja, é possível inferir sobre uma outra realidade que não apenas a da mensagem. (JUNIOR et al., 2021, p. 44; BARDIN, 2006; MARI et al., 2001). A fonte primária utilizada na pesquisa é a já mencionada obra *De re rustica* de Varrão.

As fontes textuais, assim como outras fontes documentais, são produtos do seu tempo, e por isso estão permeadas pelas marcas das relações e tensões do período no qual foram produzidas. É dever do historiador compreender os agentes externos a fonte, analisando-as dentro de seu contexto de produção. Nesse sentido, cabe-nos aqui levantar algumas questões para melhor compreender o *De re rustica*, sendo elas: Quem é o autor? Em que contexto a obra foi produzida? Qual o seu objetivo?

Marcus Terentius Varro (116-27 a.C.) foi um importante erudito e suas obras tiveram grande contribuição para a literatura latina. Varrão nasceu na região de Reate em uma família proprietária de terras sabinas. Quando jovem se instruiu com um notável gramático estoíco, Élio Estilão, com quem adquiriu o gosto pelos estudos sobre a origem e a evolução das palavras. Anos mais tarde através de seus estudos em Atenas teve contato com outra linha teórica, a acadêmica, através da instrução do filósofo Antíoco de Ascalão. Ambas correntes teóricas exerceram significativa influência na construção do pensamento varroniano. Durante sua vida, Varrão dividiu-se entre a erudição e as obrigações cívicas, chegando a ocupar diferentes cargos públicos, de sua carreira política destaca-se a aliança que teve com Pompeu e sua atuação no plano militar.

Em 48 a.C o exército de Pompeu foi plenamente derrotado por Júlio César em Farsália, encerrando o conflito entre os triúmviros. O relato da batalha pode ser lido em *De bello civili* de Júlio César. Após o conflito, alguns dos aliados de Pompeu obtiveram clemência, dentre eles Varrão, que com a proteção de César recebeu a honrosa nomeação de diretor da biblioteca greco-latina de Roma e passou a se dedicar exclusivamente à erudição. Após a morte de Júlio César nos idos de março de 44 a.C, Varrão foi alvo de perseguição, livrando-se da morte graças a ajuda de Quinto Fúfio Caleno. O erudito morreu com aproximadamente noventa anos de idade, tendo dedicado os últimos anos de sua vida aos escritos, a exemplo da obra *De re rustica*.



Quanto aos seus trabalhos, o erudito se destaca tanto pela quantidade de obras escritas, quanto pela variedade dos temas abordados, estima-se que sua obra completa constava de setenta e quatro títulos, aproximadamente seiscentos livros, dos quais falou sobre “linguagem, agricultura, história, filosofia, geografia, direito, retórica, dialética, geometria, aritmética, teatro e muitos outros” (TREVIZAM, 2006, p. 83-88). Infelizmente grande parte da obra de Varrão se perdeu e apenas alguns fragmentos sobreviveram através dos escritos de outros intelectuais. Os trabalhos mais bem conservados foram o *De Lingua Latina* e o *De re rustica*. O *De Lingua Latina* em sua versão original era composto por vinte e cinco livros, esses livros estavam divididos em três sessões que buscavam tratar sobre morfologia, sintaxe e sobre a forma de nomeação dos objetos.

De re rustica é uma obra composta por três livros em que trata respectivamente sobre os temas da agricultura, da pecuária e da criação de animais na sede (*uillae*). De acordo com a introdução do primeiro livro, Varrão os escreveu quando tinha oitenta anos e buscava deixar um guia para sua esposa Fundânia, que tinha adquirido recentemente uma propriedade agrícola. Os livros foram escritos no gênero dialógico aristotélico e possuem uma escrita sofisticada, na qual Varrão frequentemente alterna entre elementos técnicos, dramáticos e satíricos. Apesar do seu enfoque nos temas rurais, os livros também possibilitam explorar aspectos filosóficos, políticos e teológicos.

Quanto ao contexto de produção, os livros foram escritos em um momento turbulento para a sociedade romana. O século I a.C é um período de significativas mudanças, tanto no campo intelectual, quanto no campo político. E se considerarmos que na Roma Antiga a religião estava intimamente ligada a todas as dimensões sociais, é possível inferir que a mesma também fazia parte desse fluxo de mudanças. De acordo com Mary Beard, os eventos de 146 a.C que levaram a destruição final de Cartago, podem ser compreendidos como o início do declínio político e moral de Roma, muitos foram os fatores que contribuíram para o então colapso da República e não cabe aqui desenvolver essas questões, no entanto, é interessante pontuarmos que este é um momento em que as convenções tradicionais sofreram rupturas que gradativamente enfraqueceram a política pacifista, abrindo espaço para disputas de poder e violência. Varrão viveu esse momento de guerras civis em que “cada vez mais as armas romanas se voltavam não apenas contra os inimigos externos, mas contra os próprios romanos” (BEARD, 2015, p. 157). Nesse sentido, ao analisarmos sua obra não podemos perder de vista que o intelectual viveu e produziu em meio a muitas transformações e que seus livros refletem a visão de um homem que viveu entre “duas eras”.

Quanto ao cenário religioso, existem muitos debates acerca da teoria de declínio da religião romana na República Tardia. A que tem recebido mais atenção é a de que a religião passou a ser usada puramente para a obtenção de vantagens políticas, apesar de parecer



extrema, Beltrão argumenta que esta teoria não pode ser facilmente refutada e cita uma famosa passagem de Políbio sobre a Roma dos anos 140 a.C: “Políbio declara que os romanos eram superiores aos gregos precisamente porque os líderes romanos faziam aquilo que os gregos esqueceram: usar as superstições das massas para mantê-las submissas” (BELTRÃO, 2006, p. 145). Mas veja bem, com isso não queremos dizer que os latinos ao longo da República Tardia tinham total desrespeito pela religião, muito pelo contrário, tanto magistrados quanto civis demonstravam respeito pelas obrigações religiosas, o que nos configura um cenário complexo e cheio de contrastes.

O que podemos perceber é que diante de tantas transformações, não só Varrão, mas outros intelectuais de seu tempo são enfáticos quanto a necessidade de resgatar as tradições, reconciliando presente e passado. Nesse sentido, Varrão se posiciona como um defensor das tradições religiosas romanas, em *Antiquitates rerum divinarum* o erudito se esforça em salvaguardar os ritos e os costumes antigos. Nesta mesma obra Varrão apresenta três teologias, ou seja, três formas de raciocinar sobre os deuses, sendo elas: a mítica, que é usada pelos poetas; a natural, que é usada pelos filósofos; e a cívica que é usada pelo povo (BOGDAN, 2016, p. 4-10). Por sua vez, ao nos voltarmos para os livros do *De re rustica*, o que identificamos é a prevalência de duas visões, a mítica e a cívica. A partir de uma construção complexa, Varrão nos entrega um tratado que apresenta reflexões filosóficas, mas que também abre espaço para “a evocação de lendas e tradições ligadas aos deuses e a certos ritos comumente dedicados a eles em datas específicas do calendário sagrado latino” (TREVIZAM, 2009, p. 57).

DE RE RUSTICA: ANÁLISE DOS LIVROS I E II

Apesar dos três livros que compõem o *De re rustica* possuírem passagens que estão relacionadas ao tema da nossa pesquisa, este artigo se dedicará apenas aos livros I e II por serem as partes da obra que reúnem a maior quantidade de passagens acerca da questão cosmológica e religiosa, nos permitindo assim explorar como as atividades seculares estavam intimamente ligadas ao sagrado.

No prólogo do primeiro livro Varrão apresenta o *De re rustica* como um tratado para aqueles que desejam adquirir uma propriedade agrícola, como é o caso de sua esposa Fundânia, pessoa a quem dedica o primeiro livro. Logo após explicar os motivos pelos quais decidiu escrever a obra, Varrão invoca doze deuses:

Já que, como dizem, os deuses auxiliam os que fazem, eu os invocarei primeiro e não, como Homero e Ênio, as Musas, mas os doze deuses de primeira grandeza; contudo, não os urbanos, cujas imagens douradas se erguem junto ao foro, seis divindades masculinas e seis femininas, mas aqueles doze deuses que são, sobretudo, guias dos agricultores. Primeiro os que abrangem todos os frutos da agricultura com o céu e a terra, Júpiter



e *Tellus*; e assim já que são chamados de grandes pais, que Júpiter seja chamado de "pai" e *Tellus* de "mãe terra". Em segundo lugar, o Sol e a Lua, cujas faces são observadas quando se planta ou armazena algo. Em terceiro, Ceres e Líber, já que seus frutos são extremamente necessários à sobrevivência, pois deles provêm o alimento e a bebida da propriedade. Em quarto, Robigo e Flora, por cujo benefício a ferrugem não estraga os grãos e as árvores, e elas não florescem fora de época. Assim foram estabelecidas as comemorações da *Robigalia* para Robigo e os Jogos Florais para Flora. Também reverencio Minerva e Vênus: a uma cabe a guarda olival; a outra, dos jardins; em seu nome, a *Vinalia* rústica foi estabelecida. Além disso, também suplico a Linfa e Bom Evento, já que, sem água, todo cultivo se desseca e perde e, sem sucesso e um bom resultado, há esperanças vãs, não o cultivo. Então, respeitosamente invocados esses deuses, apresentarei os diálogos sobre agricultura que tivemos há pouco, pelo que poderás observar o que é preciso que faças (*Varr. Rust. 1.13*)².

Como é possível observar, Varrão divide as divindades em pares e os apresenta como os guias dos agricultores. Júpiter e Tellus são os primeiros e podemos inferir que seja por conta da importância dessas divindades dentro da cultura romana, Júpiter é o deus de maior grandeza e a ele são atribuídas muitas características, como por exemplo, o curso do mundo e a luz do dia, a ele também são atribuídos fenômenos naturais como as tempestades e os raios. A Tellus é atribuído o papel de mãe-terra, esta divindade era vista pelos latinos como responsável por gerar e prover a vida.

Em seguida são invocados o Sol e a Lua, interessante pontuar que estas divindades não são antropomorfas e dessa maneira entrelaçam o sagrado e o natural. Sobre isso, é importante consideramos que o calendário latino é constituído por aspectos astrológicos e religiosos e “desde cedo buscou levar em conta fenômenos a envolverem os dois astros citados, a exemplo das fases mensais da lua e da própria completude anual da circunvolução da Terra em torno do sol” (TREVIZAM, 2009, p. 59).

Em terceiro lugar são invocados Ceres e Líber, e a eles são atribuídos os alimentos e as bebidas, ou seja, o pão e o vinho. Ceres, além de ser celebrada na *Cerialia*, também recebia sacrifícios junto a Tellus com a finalidade de que protegesse as sementes plantadas. Quanto à Líber, este era associado ao deus Dionísio ou Baco que de acordo com a mitologia

² Texto original: “*Et quoniam, ut aiunt, dei facientes adiuuant, prius inuocabo eos, nec, ut Homerus et Ennius, Musas, sed duodecim deos Consentis; neque tamen eos urbanos, quorum imagines as forum auratae stant, sex mares et feminae totidem, sed illos XII deos, qui maxime agricolarum duces sunt. Primum, qui omnis fructos agri culturae caelo et terra continent, louem et Tellurem; itaque, quod ii parentes magni dicuntur, Iuppiter pater appellatur, Tellus terra mater. Secundo Solem et Lunam, quorum tempora obseruantur, cum quaedam seruntur et conduntur. Tertio Cererem et Liberum, quod horum fructus maxime necessari ad uictum; ab his enim cibus et potio uenit e fundo. Quarto Robigum ac Floram, quibus propitiis neque robigo frumenta atque arbores corrumpit, neque non tempestiue florent. Itaque publice Robigo feriae Robigalia, Florae ludi Floralia instituti. Item adueneror Mineruam et Venerem, quarum unius procuratio oliueti, alterius hortorum; quo nomine rustica Vinalia instituta. Nec non etiam precor Lympham ac Bonum Euentum, quoniam sine aqua omnis arida ac misera agri cultura, sine successu ac bono euentu frustratio est, non cultura. Iis igitur deis ad uenerationem aduocatis ego referam sermones eos quos de agri cultura habuimus nuper, ex quibus quid te facere oporteat animaduertere poteris*”.



grega é a divindade descobridora da videira e do vinho, além disso, por vezes Líber foi vinculado à cultos não convencionais de fertilidade agrária.

A seguir temos Robigo e Flora, entre os latinos Robigo era tido como uma divindade que fazia adoecer as searas, enquanto Flora era a divindade das flores e fazia florescer os campos e tudo nele plantado, vale destacar ainda que em algumas regiões esta deusa também estava ligada a ideia de prazer. Os festivais mencionados por Varrão, a *Robigalia* e os Jogos Florais, aconteciam respectivamente em vinte e cinco de abril e três de maio.

O quinto par é composto por Minerva e Vênus, em que a divindade Minerva é a deusa latina equivalente à Atena grega, assim, para compreender melhor o papel de guarda olival atribuído a ela no texto precisaremos retomar a lenda grega sobre a fundação da pólis de Atenas. Na expectativa de dar seus nomes à cidade, Atena e Neturno são desafiados a produzirem a coisa mais útil à cidade, Neturno fez nascer um cavalo, enquanto Atena fez crescer uma oliveira na Acrópole, saindo a deusa vitoriosa a oliveira passa a ser um dos símbolos vinculados a divindade; Minerva por sua vez, por ser a correspondente da deusa grega, assume o papel de guarda do olival. Vênus é a deusa que comumente vemos associada ao amor, no entanto, infere-se que no princípio a deusa estava vinculada aos cuidados com os jardins e é recorrendo a essa forma primitiva da divindade que Varrão á invoca.

Por fim, são invocados Linfa e Bom Evento, deuses considerados menores, mas que ainda sim são tidos por Varrão como importantes para a vida agrícola uma vez que os agricultores carecem de boa água doce para os campos e de boa sorte para as colheitas. A Linfa era para os latinos uma força da natureza divinizada, enquanto Bom Evento era a divindade que trazia bom agouro.

Identificados os deuses, cabe-nos agora refletir sobre os aspectos que estão além da mensagem. Neste sentido, podemos identificar a prevalência da teologia cívica, pois há uma instrumentalização do sagrado para suprir necessidades comuns do cotidiano rural. Importante pontuar que Varrão faz questão de ressaltar que não invoca os deuses urbanos com suas estátuas, mas os deuses rurais, e ao fazer isso o erudito está recorrendo a uma forma mais “primitiva” e tradicional da religião. Para Varrão, a religião é uma criação histórica, na qual os primeiros povos foram guiados por reis-filósofos que perceberam verdades fundamentais sobre o mundo e as transmitiram a partir de uma linguagem simbólica, nesse sentido, a religião romana teria passado por um estágio anicônico, ou seja, sem representações. Mas veja bem, ainda que o autor identifique a religião como uma criação histórica, ele não condena ou rejeita nenhuma imagem ou ritual, pois compreende que fazem parte de uma verdade sobre o cosmos, pois foram criadas a partir de princípios filosóficos encontrados desde a antiga Grécia (NUFFELEN, 2010, p. 163-186).



Todo o diálogo do Livro I se desenvolve em um contexto sacralizado, no qual Varrão encontra com as personagens durante um festival no templo de Tellus:

Eu viera ao templo de *Tellus* durante a comemoração das *Sementiuae* convidado pelo *aeditumus*, como aprendemos a dizer com nossos ancestrais, ou pelo *aeditumus*, como nos corrigem os puristas de hoje em dia (*Varr. Rust.* 1.60)³.

O festival referido consiste em oferendas rituais de grãos à deusa Tellus e de vísceras de porca à deusa Ceres, além disso, o festival marca o período de “repouso dos camponeses e bois de arado nas terras (coroados esses últimos de guirlandas de flores!)” (TREVIZAM, 2009, p. 61). Ao analisarmos o trecho citado percebemos que mais uma vez o erudito recorre a uma visão cívica do sagrado, além disso, apresenta uma crítica a mudança na pronúncia da palavra “aeditumus” o que podemos compreender como uma crítica as transformações que estão ocorrendo em seu tempo e valorização do passado, da tradição.

Uma passagem em específico nos chama bastante a atenção, primeiro, por nos permitir vislumbrar como fatores cosmológicos estavam intimamente ligados às atividades agrícolas e cotidianas. Segundo, por trazer um conhecimento antigo que até hoje permeia nossa sociedade, pois ainda é muito comum, principalmente entre os mais velhos, que os cabelos só sejam cortados em determinados períodos do mês por acreditarem que a lua influencia no crescimento capilar.

Certas atividades devem ser realizadas nos campos de preferência na lua crescente, e não na minguante; contudo, o contrário se dá com a retirada de certos itens, como os cereais e a madeira. “Quanto a mim”, disse Agrássio, “observo este ponto não só em relação às ovelhas que se devem tosar, mas, tendo aprendido com meu pai, em relação a meu cabelo, para não ficar calvo cortando-o na lua crescente”. Ágrio disse: “Como as fases da lua se dividem em quatro? E como essa divisão tem influência sobre os campos?”, “Nunca ouviste no campo”, disse Tremélio, “oito dias antes da lua Jana e crescente’ e, por outro lado, ‘minguante’ e o que se deve fazer na lua crescente, embora certas atividades sejam mais bem realizadas oito dias depois da lua Jana do que antes? E que, se conviesse que algo fosse feito na lua minguante, tanto melhor quanto menos brilho este astro tivesse? Falei a respeito da divisão quadripartida na agricultura” (*Varr. Rust.* 1.910)⁴.

O segundo livro, assim como o primeiro, está repleto de referências aos deuses, no entanto, o Livro II apresenta maior quantidade de passagens ligadas à religiosidade

³ Texto original: “*Sementiuis feriis in aedem Telluris ueneram rogatus ab aeditumo, ut dicere didicimus a patribus nostris, ut corrigimur a recentibus urbanis, ab aedituo*”.

⁴ Texto original: “*Quaedam facienda in agris potius crescente luna quam senescente, quaedam contra quae metas, ut frumenta et caeduas siluas. Ego istaec, inquit Agrasius, non solum in ouibus tondendis, sed in meo capillo a patre acceptum seruo, ni crescente luna tondens calous fiam. Agrius, Quem ad modum, inquit, luna quadripartita? Et quid ea diuisio ad agros pollet? Tremelius, Numquam rure audisti, inquit, octauo lanam lunam et crescentem et contra senescentem, et quae crescente luna fieri oporteret, tamen quaedam melius fieri post octauo lanam lunam quam ante? Et siquae senescente fieri conueniret, melius, quanto minus haberet ignis id astrum? Dixi de quadripartita forma in cultura agri*”.



institucionalizada, ou seja, aos cultos romanos. Este fato se dá em grande parte porque os animais, que são o tema central do segundo livro, são os principais elementos utilizados nos rituais religiosos. Enquanto o primeiro livro é ambientado em um festival religioso no templo de Tellus, nos dando um vestígio da vida religiosa pública, o segundo livro nos apresenta a esfera privada da vida romana ao introduzir o sacrifício aos lares, como podemos ver no trecho em que o senador Quinto Lucieno vai de encontro às personagens para participar da conversa sobre a pecuária, mas antes informa a necessidade de cumprir seus deveres com os lares:

Eu já vou vê-los, patifes, e para cá vou trazer minha pele e chicote. Mas tu, Múrrio, vem assistir-me enquanto pago os Lares, para poderes testemunharem se depois reclamarem de mim (*Varr. Rust.* 2.525)⁵.

Uma segunda passagem também menciona os lares, nela Varrão e seus companheiros são convidados por um liberto para participarem pessoalmente do sacrifício:

Falando nós dessas coisas, vem o liberto da parte de Menates dizendo que os bolos sagrados tinham sido oferecidos e o sacrifício preparado. Se desejássemos, que fôssemos para lá e nós mesmos sacrificássemos em nosso favor (*Varr. Rust.* 2.740)⁶.

Vale ressaltar que os deuses lares são muito importantes para a religião romana e são mencionados em muitas obras literárias, teológicas e teatrais. Esses deuses eram cultuados pelos romanos em suas casas, ou seja, em seus lares e eram compreendidos como espíritos divinizados de seus ancestrais. O *pater* família era o responsável por cultua-los diante do *lararium* (altar doméstico) com incensos, grãos de sal e vinhos. O culto aos lares garantia proteção para a casa e para as terras da família. De acordo com Trevizam, também era realizada uma festa aos lares, esta era

uma festa de origens rústicas, por sinal, comemorava esses entes espirituais entre os latinos: referimo-nos às Compitaliae, passadas em algum dia móvel do início do mês de janeiro. Nesse tempo, de início, o *compitum*, ponto sagrado de convergência dos limites entre quatro propriedades rurais, era palco de oferendas, enquanto os senhores das terras, tendo pendurado em casa um boneco de lã para cada homem livre e uma bola dessa mesma matéria para cada escravo, descansavam, simbolicamente suspendendo o arado no altar. Por essa devoção acreditavam, nos campos e, depois, nas cidades, garantir o resguardo contra os males para os moradores das casas (até os escravos da família) e as terras adjacentes a elas (TREVIZAM, 2009, p. 66-67).

⁵ Texto original: “*Videbo iam uos, inquit, balatrones, et hoc adferam meum corium et flagra. Tu uero, Murri, ueni mi aduocatus, dum asses soluo Laribus, si postea a me repetant, ut testimonium perhibere possis*”.

⁶ Texto original: “*Cum haec loqueremur, uernit a Menate libertus, qui dicat liba absoluta esse et rem diuinam paratam; si uellent, uenirent illuc et ipsi pro se sacrificarentur*”.



Como já mencionado, o segundo livro está repleto de orientações quanto a correta execução das imolações. Esse cuidado com a criação dos animais sacrificiais é um reflexo da importância que os latinos davam aos seus rituais e as ações religiosas. Eram os rituais que garantiam uma boa relação entre os homens e os deuses, de acordo com Beltrão, “garantir os ritos representava a certeza da manutenção da sociedade como a queriam: ordenada e segura” (2003, p. 146). Vejamos algumas dessas passagens:

Tendo os porcos sido afastados dos úberes, são chamados de *delici* por alguns e não mais leitões. Dez dias depois do parto são considerados puros, e por isso são chamados *sacres* pelos antigos, pois então se dizem pela primeira vez próprios para os sacrifícios (*Varr. Rust. 2.481*)⁷.

No fragmento podemos observar as orientações quanto ao momento em que os porcos estão prontos para os sacrifícios. Também encontramos passagens que se referem à raça do animal escolhido, como é o caso dos bois:

Alguns sacrificam aqueles da Itália que dizem sobressair-se pelo tamanho e conservam-nos para os sacrifícios dos deuses. Sem dúvida, pela distinção do tamanho e da cor, esses devem ser preferidos para os sacrifícios (*Varr. Rust. 2.572*)⁸.

Para não nos tornarmos exaustivos, fecharemos esse tópico com um último exemplo em que mostra a relação entre um animal sacrificial e o calendário latino:

A vaca estéril é chamada *taura*; a prenhe, *horda*. Um dia do calendário é chamado *hordicidia*, porque então se imolam vacas *hordae* (*Varr. Rust. 2.551*)⁹.

Um dos, se não o principal, argumento construído ao longo do segundo livro é de que a pecuária é uma atividade honrosa e que o trato animal dignifica o homem, para legitimar esse argumento, Varrão percorre os céus e o passado de Roma, entrelaçando cosmologia e histórias míticas.

se entre os antigos o gado não fosse de grande dignidade, ao descrever o céu os astrônomos não teriam chamado suas constelações com nomes que não só não hesitaram em pôr, mas muitos ainda iniciam a contagem dos doze signos por Áries e Touro, preferindo-os a Apolo e a Hércules. Com efeito, esses deuses se seguem àqueles, mas foram chamados Gêmeos. E não julgaram bastante que um sexto das doze constelações tivesse nomes de animais sem juntarem o Capricórnio, para que um quarto os tivesse.

⁷ Texto original: “*Cum porci depulsi sunt a mamma, a quibusdam delici appellantur neque iam lactantes dicuntur, qui a partu decimo die habentur puri, et ab eo appellantur ab antiquis sacres quod tum ad sacrificium idonei dicuntur primum*”.

⁸ Texto original: “*Tametsi quidam de Italics, quos propter amplitudinem praestare dicunt, uictimas faciunt atque ad deorum seruant supplicia, qui sine dubio as res diuinas propter dignitatem amplitudinis et coloris praeponendi*”.

⁹ Texto original: “*Quae sterilis est uacca, taura appellata; quae praegnas, horda. Ab eo in fastis dies hordicidia nominatur, quod tum hordae boues immolantur*”.



Além disso, dentre os dos animais domésticos, juntaram a Cabra, os Bodes e os Cães (*Varr. Rust. 2.85*)¹⁰.

Em seguida Varrão nos apresenta fragmentos das lendas míticas de Hércules, Ceres, Júpiter, Neturno e Melanipa com a finalidade de enobrecer a vida pastoril, nesse sentido, pode-se perceber que como estratégia retórica o erudito recorre à tradição, instrumentalizando o sagrado para a legitimação do seu discurso.

Outros escreveram que foi por ter Hércules expulsado da Sicília para cá um touro de boa raça, que se chamava Ítalo. Ele é companheiro do homem nos trabalhos rústicos e o instrumento de Ceres. [...] Além disso, sei que Júpiter preferiu transformar-se em boi quando transportou por mar a partir da Fenícia, por amor, Europa; que foi esse animal o salvador dos filhos de Neturno e Melanipa, para que um rebanho de bois não pisoteasse os meninos no estábulo (*Varr. Rust. 2.535*)¹¹.

Seguindo a mesma linha argumentativa, Varrão novamente recorre à tradição para reforçar a nobreza da atividade pastoril, desta o intelectual buscou no passado longínquo da cidade os personagens mais conhecidos de Roma: Fáustulo, Rômulo e Remo. Os irmãos Romulo e Remo são filhos de Marte com a Vestal Reia Silvia. Ainda quando bebês, foram lançados no rio Tibre pelo rei Amúlio de Alba-Longa, tio de Reia Silvia, e que almejava eliminar futuras pretensões ao trono. Por intervenção divina as crianças não se afogaram e chegaram à margem, local em que uma loba os amamentou até que Fáustulo, um humilde mas honrado pastor os achou e os criou como filhos junto a esposa. Quando jovens Rômulo e Remo também exerceram a atividade pastoril até o momento da fundação de Roma. O mito de fundação foi utilizado por Varrão para defender a ideia de que o povo romano se originou de pastores.

Quem não diz que o povo romano realmente não se originou de pastores? Quem não sabe que Fáustulo foi o pastor e provedor que educou Rômulo e Remo? Também não demonstrará que eles mesmos foram pastores o fato de que fundaram a Cidade de preferência nas Parílias?[...] quando a Cidade foi fundada, estabeleceu-se onde ficavam os muros e portões com um touro e uma vaca; quando o povo romano é purificado com as *suouetarilae*, eram em torno porcos, carneiros e um touro (*Varr. Rust. 2.97*)¹².

¹⁰ Texto original: “*quod si apud antiquos non magnae dignitatis pecus esset, in caelo describendo astrologi non appellassent eorum uocabulis signa, quae non modo non dubitarunt ponere, sed etiam ab iis principibus duodecim signa multi numerant, ab ariete et tauro, cum ea praeponerent Apollini et Herculi. Ii enim dei ea secuntur, sed appellantur Gemini. Nec satis putarunt de duodecim signis sextam partem obtinere pecudum nomina, nisi adiecissent, ut quartam tenerent, capricornum. Praeterea a pecuariis addiderunt capram, haedos, canes*”.

¹¹ Texto original: “*Alii scripserunt, quod ex Sicilia Hercules persecutus sit eo nobilem taurum, qui diceretur italus. Hic socius hominum in rustico opere et Cereris minister. [...] Praeterea scio hunc esse, in quem potissimum Iuppiter se conuertit, cum exportauit per mare e Phoenice amans Europam; hunc esse, qui filios Neptuni a Menalippa seruarit, ne in stabulo infantes grex bouum obtereret*”.

¹² Texto original: “*Romanorum uero populum a pastoribus esse ortum quis non dicit? Quis Faustulum nescit pastorem fuisse nutricium, qui Romulum et Remum educauit? Non ipsos quoque fuisse*



Além da menção a Rômulo e Remo, Varrão reforça a importância da atividade pastoril para as origens dos romanos ao mencionar as *Parílias*, uma tradicional festa latina em que ofertavam a deusa Pales as “cinzas de um feto de vaca retirado do ventre de sua mãe sacrificada, de sangue de cavalo e de hastes de favas, pois se tratava de uma entidade protetora de rebanhos, que se alimentam com palha” (TREVIZAM, 2009, p. 67). É importante pontuar que este festival era comemorado no mesmo dia da fundação de Roma, e especula-se que isso se deve justamente por conta da ligação dos irmãos Rômulo e Remo com a atividade pastoril.

Não obstante, ainda que Varrão incorpore em sua obra lendas míticas, ele não despreza a filosofia, inclusive por vezes Varrão e seus companheiros riem e fazem piada de saberes populares que classificam como credíces e as rejeitam. Com isso, o autor cria uma divisão: de um lado estão os tratados agrícolas antigos e os ingênuos que possuem uma visão ilógica, e do outro lado o tratado escrito por ele, que leva em consideração a racionalização, levando a valorização de sua própria obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Varrão, assim como outros intelectuais e governantes, via a religião como uma ferramenta de controle e implementação da ordem, e diante de todas as transformações ocorridas ao longo da República Tardia, o erudito assumiu uma posição conservadora visando a preservação das tradições religiosas. Além disso, é importante pontuarmos que a racionalização da religião levou a produção de obras teológicas que hoje são fontes cruciais para a compreensão de todo um debate que se desenvolvia entre os intelectuais da época. A partir de obras como *Antiquitates rerum divinarum* de Varrão e *De natura deorum* de Cícero podemos vislumbrar a concepção dessa intelectualidade latina sobre o universo e o sagrado. Ainda que *De re rustica* não se configure como um trabalho dedicado às coisas divinas, sua narrativa é repleta de alegorias. As visões teológicas presentes nos livros correspondem a mítica e a cívica que juntas construíram uma narrativa que tanto instrumentalizava o sagrado a fim de corresponder as necessidades individuais, quanto lançava mão de histórias míticas que legitimavam a argumentação através da tradição. (TREVIZAM, 2009, p. 56).

A partir dos resultados parciais desta pesquisa é possível pontuarmos que os livros do título *De re rustica* são complexos textos que tratam não só de sua temática principal, a vida no campo, mas apresentam uma série de informações sobre a visão política e religiosa de um dos maiores escritores da literatura latina. Dessa forma, buscou-se aqui apresentar

pastores obtinebit, quod Parilibus potissimum condidere urbem? [...] et quod, populus Romanus cum lustratur suouitaurilibus, circumaguntur uerres aries taurus”.



como a religião e a cosmologia estavam intrinsecamente ligadas a todas as esferas da vida, inclusive estavam presente nas menores tarefas cotidianas, como plantar, colher e tratar dos animais.

Varrão e outros intelectuais de seu tempo, como Cícero, contribuíram significativamente para a construção de uma teologia romana, no entanto, por conta da fragmentação de suas obras Varrão não ocupou o devido espaço nos debates acadêmicos, cenário este que vem mudando nos últimos anos. Apesar do erudito ter se tornado material de estudo de trabalhos recentes, ainda carece de pesquisas que explorem outras perspectivas de suas obras, como é o caso de *De re rustica*, em que muitos trabalhos tratam do teor político e econômico da obra e pouquíssimos lançam luz aos aspectos teológicos e cosmológicos presentes nos textos.

FONTE

VARRÃO. **Das coisas do campo**. Trad. Matheus Trevizam. Campinas, EdUnicamp, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BEARD, Mary. **SPQR: Uma história da Roma Antiga**. Trad. Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2017.

BEARD M.; NORTH, J.; PRICE, S. **Religions of Rome: Volume 1**, A History. Cambridge University Press, 1998.

BELTRÃO, C. A religião na urbs. In.: SILVA, Gilvan da Silva; MENDES, Norma Musco (orgs.). **Repensando o Império Romano**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, p.137-159, 2006.

BELTRÃO, C. De haruspicum responso: religião e política em Cícero. **Mirabilia** n. 3, p. 20-42, 2003.

BOGDAN, G. Forjar la identidad romana: algunas observaciones sobre la sistematización religiosa en *Antiquitates Rerum Divinarum* de M. T. Varrón, **Praesentia** 17, 2016, 1-15.

BOGDAN, G. La discusión sobre la forma de los dioses a fines de la república. antropomorfismo, representación e imágenes de culto en *Antiquitates rerum divinarum* de Varrón y en *De natvra deorum* II de Cicerón. In: BELTRÃO, C.; SANTANGELO, F. (coord.). **Estátuas na Religião Romana**. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2020, 47-63.

JUNIOR, E. B. OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. C. O; L.SCHNEKENBERG, G. F. Análise documental como percurso metodológico. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.44, 2021, p.36-51.



KRONENBERG, L. **Allegories of Farming from Greece and Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, UFMG, 2001.

REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RÜPKE, J. Varro's Antiquitates and History of Religion in the Late Roman Republic, **History of Religions**, 53.3, 2014, 246-268.

TREVIZAM, M. **Linguagem e interpretação na literatura agrária latina**. -- Campinas, SP : [526], 2006.

TREVIZAM, M. Religião romana nos livros iniciais do De re rustica varroniano. **Nuntius Antiquus** Belo Horizonte, nº 4, dezembro de 2009, 55-70.

TREVIZAM, M. Linguagem e gênero na literatura agrária latina: Catão, Varrão e Virgílio. **Classica (Brasil)** 20.1, 7-18, 2007.

VAN NUFFELEN, P. Varro's Divine Antiquities: Roman Religion as an Image of Truth, **Classical Philology**, 2, 2010, 162-188.

VOLK, K. Versions of Varro, **Cambridge University Press**, 2020, pp. 221–232.